

A MODERNIDADE E A INTERTEXTUALIDADE NOS POEMAS DE PAULO MENDES CAMPOS

Evaldilande Sousa Costa¹
Kesley Mariano da Silva²

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar o poeta Paulo Mendes Campos e como ele estabelece relações de intertexto com várias outras obras de outros autores de valores já universais e ainda consegue manter as características de modernidade por ele inseridas em seus poemas. Através do seu processo histórico evolutivo, enquanto escritor, buscaremos demonstrar como ele passou por diversos gêneros textuais, amadureceu intelectualmente enquanto autor, até conseguir consolidar seus poemas em uma obra madura, moderna, inteligente e agradável.

Palavras-chave: Poemas. Modernismo. Prosa. Intertexto.

Abstract

This paper aims to present the poet Paulo Mendes Campos and how he makes intertextual relations with several other works of other authors of already universal values and still show the characteristics of modernity inserted by him in his poems. Through his evolutionary historical process as a writer, to demonstrate how he became through several textual genres, how he matured intellectually as an author, until he was able to consolidate his poems in a mature, modern, intelligent and pleasant work.

Keywords: Poems. Modernism. Prose. Intertext.

Introdução

O que faz de Paulo Mendes Campos tão interessante é que os poemas dele sejam convites para adentrar ao mundo literário, conhecer várias as culturas, pensamentos filosóficos e artísticos e seu universo de conhecimentos é o fato de ele ir além de tudo isso e ainda surpreender o leitor, desde o mais simples ao mais competente. Tudo isso, se pretende mostrar com este artigo, através de apontamentos sobre alguns de seus poemas, que apresentam uma escrita bastante rica em todos estes aspectos acima mencionados.

Para a realização desse trabalho foram utilizadas fontes variadas de pesquisa, tais como livros, revistas acadêmicas, revistas eletrônicas, vídeos online e uma ontologia de poemas e outras obras do autor, objeto de estudo desta análise. Através dessa coletânea de informações pôde-se ter um conhecimento maior acerca de quem foi e do que fez Paulo Mendes Campos ao longo de sua vida.

O trabalho inicia mostrando um pouco da vida do autor, pois é preciso, precipuamente,

¹ Graduação em Letras: Português/Inglês (UNIFAN/2017). E-mail: landcost@gmail.com

² Graduação em Letras: Português/Inglês (UEG, 2007); Graduação em Direito (FMB, 2009); Especialização em Docência do Ensino Superior (FINOM, 2012); Mestrado em Educação (UNESA, 2016); Doutorado em Educação (UDS, 2020). E-mail: kesleymariano@hotmail.com

A MODERNIDADE E A INTERTEXTUALIDADE NOS POEMAS DE PAULO MENDES CAMPOS

Evaldilande Sousa Costa¹
Kesley Mariano da Silva²

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar o poeta Paulo Mendes Campos e como ele estabelece relações de intertexto com várias outras obras de outros autores de valores já universais e ainda consegue manter as características de modernidade por ele inseridas em seus poemas. Através do seu processo histórico evolutivo, enquanto escritor, buscaremos demonstrar como ele passou por diversos gêneros textuais, amadureceu intelectualmente enquanto autor, até conseguir consolidar seus poemas em uma obra madura, moderna, inteligente e agradável.

Palavras-chave: Poemas. Modernismo. Prosa. Intertexto.

Abstract

This paper aims to present the poet Paulo Mendes Campos and how he makes intertextual relations with several other works of other authors of already universal values and still show the characteristics of modernity inserted by him in his poems. Through his evolutionary historical process as a writer, to demonstrate how he became through several textual genres, how he matured intellectually as an author, until he was able to consolidate his poems in a mature, modern, intelligent and pleasant work.

Keywords: Poems. Modernism. Prose. Intertext.

Introdução

O que faz de Paulo Mendes Campos tão interessante é que os poemas dele sejam convites para adentrar ao mundo literário, conhecer várias as culturas, pensamentos filosóficos e artísticos e seu universo de conhecimentos é o fato de ele ir além de tudo isso e ainda surpreender o leitor, desde o mais simples ao mais competente. Tudo isso, se pretende mostrar com este artigo, através de apontamentos sobre alguns de seus poemas, que apresentam uma escrita bastante rica em todos estes aspectos acima mencionados.

Para a realização desse trabalho foram utilizadas fontes variadas de pesquisa, tais como livros, revistas acadêmicas, revistas eletrônicas, vídeos online e uma ontologia de poemas e outras obras do autor, objeto de estudo desta análise. Através dessa coletânea de informações pôde-se ter um conhecimento maior acerca de quem foi e do que fez Paulo Mendes Campos ao longo de sua vida.

O trabalho inicia mostrando um pouco da vida do autor, pois é preciso, precipuamente,

¹ Graduação em Letras: Português/Inglês (UNIFAN/2017). E-mail: landcost@gmail.com

² Graduação em Letras: Português/Inglês (UEG, 2007); Graduação em Direito (FMB, 2009); Especialização em Docência do Ensino Superior (FINOM, 2012); Mestrado em Educação (UNESA, 2016); Doutorado em Educação (UDS, 2020). E-mail: kesleymariano@hotmail.com

entender quem ele é, de onde veio e até onde chegou, abordando, claro, de forma sintética, os caminhos ele trilhou para isto. Em seguida, serão apresentadas suas obras. Será também construído um sucinto histórico sobre o Modernismo brasileiro, iniciando pelo Movimento da Semana de 1922. Ao desenvolver este resgate temático buscar-se-á ambientar o leitor para as reais contribuições literárias de Paulo Mendes e seus poemas.

Será também importante abordar sobre a presença constante da intertextualidade em suas obras, característica que o permite trazer diferentes e distantes leituras para o leitor de crônicas e poemas, gêneros, aos quais, Mendes Campos se propunha a escrever com mais frequência.

Vale ressaltar que este atributo do autor assevera que Paulo foi um afincado leitor e conheceu muitos autores, não só da literatura nacional e portuguesa, como também da inglesa, francesa, alemã, dentre outras, chegando mesmo a ser tradutor de várias destas obras. Isto posto, há uma justificativa pela escolha do referido artista. Ele sempre escreveu fundamentado em temas universalmente preferidos por clássicos e canônicos autores da literatura nacional e mundial, o que agregou valor à Literatura Brasileira. Ainda por fim, serão apresentadas as inovações artísticas que este autor revelou em suas obras, especialmente com a união de diferentes gêneros textuais, a saber, poesias e crônicas.

1. Vida e Obra de Paulo Mendes Campos

Paulo Mendes nasceu no estado das Minas Gerais, em 1922 e adentrou, bem cedo, o mundo da literatura. Filho de Mário Mendes Campos e Maria José Lima Campos, Paulo herdou do pai e da mãe o gosto pela literatura. Seu pai era médico e também fora escritor. Pelas palavras do próprio Mendes Campos:

Nasci a 28 de fevereiro de 1922, em Belo Horizonte,
No mesmo ano de Ulysses e The West Land,
Oito meses antes da morte de Marcel Proust,
Um século depois de Shelley afogar-se no golfo de Spezzia.
Não tenho nada com eles, fabulosos,
Mas foi através da literatura que recebi a vida,
E foi em mim a poesia uma divindade necessária. (CAMPOS, 1984, p. 113)

Paulo, ao longo da sua vida, aventurou-se em carreiras diferentes como, por exemplo, a de aviador, pois era seu sonho desde a infância; depois, também tentou a profissão de odontologia, a de medicina veterinária e na área jurídica, ao iniciar o curso de direito, o que mais uma vez não dera certo. Acertadamente, foi na área literária, seu terreno mais fértil, em

que ele se destacou como cronista, mas como se sabe, fora além, tornando-se um tradutor e poeta, dos maiores.

Ainda em Minas Gerais, na companhia de alguns amigos, entre eles destacam-se Otto Lara Rezende, Fernando Sabino e Hélio Pellegrino, fez várias publicações na Folha de Minas, da qual Paulo veio a ser redator por um período de dois anos. Esse quarteto, mais tarde seria apelidado por Otto Lara de “Quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse”. E assim ficaram conhecidos, no meio literário da época.

Mais tarde, em 1945, Paulo foi ao Rio de Janeiro, segundo afirmou Wilson Figueiredo³ (2011), devido à falta de mercado de trabalho para o produto que eles (Os quatro cavaleiros do apocalipse) faziam, que era jornalismo e literatura, à procura de emprego. Fernando Sabino viera antes e fora o primeiro dos quatro a morar na cidade maravilhosa. Logo depois foi Paulo, mas, além desse primeiro propósito (de conseguir emprego), tinha também o de conhecer Pablo Neruda, que se encontrava no Brasil. Esse último fator deveu-se a como Paulo já se identificava com a poesia latina, sobretudo a de Neruda. Ele teve, nessa ocasião, a oportunidade de conhecer Neruda. Após este encontro, Paulo resolveu permanecer mesmo no Rio de Janeiro e foi morar, durante algum tempo, com seu, já conhecido, amigo, Fernando Sabino, que por lá morava. Logo em seguida os outros dois amigos, Hélio Pellegrino e Otto Lara foram também para a cidade maravilhosa, unindo outra vez o quarteto, porém, desta vez, no Rio de Janeiro.

Ainda segundo Figueiredo (2011), eles demoraram algum tempo para encontrar emprego, pois a situação a época não estava fácil. No entanto, no Rio, as oportunidades eram maiores que em Minas. Depois de conseguirem serviço, se equilibraram e nesta mesma cidade, resolveram permanecer. Dentre muitos jornais, os quatro fizeram várias publicações nos jornais Correio da Manhã e Diário Carioca. Segundo o jornalista Flavio Pinheiro (2011), Mendes Campos pertencia a uma geração privilegiada com muito boa leitura de literatura e que conheciam profundamente literatura brasileira, francesa, inglesa entre outras, e foram todos (o quarteto) ao, seu modo, grandes escritores, Paulo Mendes se destacou e chegou a ser redator no Diário Carioca.

Em 1949 ele viajou para Europa e logo se casou com uma mulher Brasileira, porém de origem inglesa, que se chamava Joan Abercrombie. Em 1951 ele publicou “A palavra Escrita” que fora seu primeiro livro de poesia. Paulo foi, ainda, durante 39 anos, um dos cronistas oficiais da revista Manchete. Ele fez grandes traduções, sobretudo de poemas. Seu trabalho de tradução envolveu obras de vários idiomas, como Inglês, Francês, Espanhol e de grandes autores, tais

³ Wilson Figueiredo é jornalista, escritor e também foi amigo de Mendes Campos.

como Júlio Verne, Oscar Wild, Shakespeare e Neruda, entre outros; e, não se pode esquecer de mencionar que fora também um crítico literário.

Segundo o escritor e crítico literário Silviano Santiago (2011), quando fora publicado o livro “Grande Sertão Veredas” de João Guimarães Rosa (1956), muita gente não entendia direito a obra por causa da forma de escrever que Guimarães usou e, até hoje, muitos literatos discutem e divergem em opiniões, contudo, Mendes Campos publicou uma crônica enaltecendo o livro regionalista, colocando-a no lugar onde deveria ficar, “junto com as obras geniais”. Nas palavras do próprio cronista: “Porque esse livro conta uma história que não ouvimos ainda, que precisávamos ouvir, que agora, se torna impossível imaginar não existindo (...)”⁴ (CAMPOS, 1956).

Paulo Mendes Campos escreveu diversos artigos e ensaios e publicou vários livros ao longo da sua trajetória. Entre eles destacam-se esses, que foram aqui separados por gênero e não pela ordem cronológica em que foram escritos e/ou publicados: na área da poesia, temos em 1951 “A Palavra Escrita”; em 1958 seu livro “O Domingo Azul do Mar”; em 1966 escreveu o livro “Testamento do Brasil”; e em 1979 escreveu o livro “Rio de Janeiro”. No campo em que envolvem simultaneamente prosa e poesia ele escreveu “Diário da Tarde” em 1981; “Trinca de Copas” em 1984; e, partindo para o gênero das crônicas, ele lançou “O Cego de Ipanema” em 1960; “Homenzinho na Ventania” em 1962; “O Colunista do Morro” em 1965; “Hora do Recreio” em 1967; “O Anjo Bêbado” em 1969; “Supermercado” em 1976; e “Pagina de Humor e Humorismo”, também em 1976.

Para a construção desse trabalho, o recorte artístico privilegiado fora o gênero poético desse grande autor, com maior ênfase nos livros “O Domingo Azul do Mar”, “Testamento do Brasil” e “Trinca de Copas”, com base nos quais será possível notar os traços da modernidade e o diálogo que a obra dele faz com outras grandes produções literárias, que tiveram grande relevância e serviram de influência para esse autor. Nas palavras de César:

A poesia de Paulo Mendes Campos é ambiciosa: atira longe. Casa habitualmente a experiência neolatina com a inglesa. T. S Eliot, Lorca, Blake, Verlaine, Juan Ramón Jiménez Borges e Auden, entre outros, são autores com quais afina o temperamento, pra não dizer o sensorio do poeta mineiro. (CÉSAR, 1990, p. 7)

Durante toda sua trajetória, Paulo escreveu com uma originalidade estilística, que foi transmitida através dos seus discursos literários, nos mais variados gêneros. Escreveu a respeito

⁴ Trecho da crítica de Paulo Mendes Campos sobre o Grande Sertão Veredas (1956)

dos mais diversos temas, com uma carga emotiva e de sentido bastante muito densa, porém, de forma clara e bastante original, como suas marcas distintas.

2. A modernidade em Paulo Mendes Campos

Por alguma coincidência, ou não, Paulo nascera em fevereiro 1922, praticamente junto com o Modernismo, ou pelo menos com o marco inicial dele no Brasil, que fora a “Semana de Arte Moderna”, comumente conhecida. Cem anos após a independência do Brasil e na busca por uma identidade cultural própria, este movimento objetivava esquivar-se dos paradigmas europeus, que até então eram predominantes na forma de escrever, pintar, esculpir, nas músicas, entre outras formas de manifestações artísticas. Alguns Artistas tupiniquins, com todo brasileiroismo “na veia”, como Oswald Andrade, Tarsila do Amaral, Carlos Drummond e muitos outros, resolveram inovar, e na cidade de São Paulo, deram início a esse movimento artístico-cultural que hoje chamamos de Modernismo.

Muito embora influenciado pelos movimentos de vanguardas europeias, tais como cubismo, futurismo, dadaísmo, surrealismo e expressionismo, esses artistas entenderam que deveriam valorizar o que se havia de melhor dentro do Brasil e poderiam olhar para dentro desta nação, num fluxo de dever-romper e quebrar as correntes do passado e de se criar uma forma própria e original de se expressar artisticamente. Viram, ainda, a necessidade de inovar e de colocar o dia-a-dia das pessoas nas artes e até a forma comum de falar – o uso do coloquialismo brasileiro passaria a ser usado em poemas e textos. Os artistas da época acharam por bem transpor tudo isso em nome dessa independência cultural. Para Baudelaire (1996), esse desejo do modernizar consistia mais em uma busca, do que no fato de ficar só observando.

Assim ele vai, corre, procura. O quê? Certamente esse homem, tal qual eu descrevi esse solitário dotado de uma imaginação ativa, sempre viajando através do grande deserto dos homens, tem um objetivo mais elevado do que o de um simples flâneur⁵, um objetivo mais geral, diverso do prazer efêmero da circunstância. Ele busca esse algo, ao qual se permitirá chamar de Modernidade; pois não me ocorre melhor palavra para exprimir a ideia em questão. (BAUDELAIRE, 1996, p. 24)

Nesse primeiro momento, esse movimento veio de forma muito radical, pois trazia consigo o rompimento imediato com as formas do passado. Os artistas dessa época entenderam

⁵ Flâneur é um observador apaixonado, que sai pela cidade e contempla tudo ao seu redor, de forma íntima e bem pessoal.

que essa mudança não poderia ser feita de forma gradativa, era preciso que fosse de imediato e organizaram a Semana de Arte Moderna, em que tudo isso fora discutido e proposto. Essa primeira fase mais radical de rompimento durou de 1922 até 1930.

Entre 1930 e 1945 veio a segunda fase desse movimento. Passados alguns anos, o modernismo já se encontrava um pouco mais amadurecido e menos radical. Se destacaram, nessa fase, artistas como Manuel Bandeira, Cecília Meirelles e Vinícius de Moraes, entre outros. Esses poetas viram a necessidade de retroagir um pouco ao estilo da poesia para retomar um pouco do lirismo, que se havia deixado de lado na primeira fase. Resolveu-se fazer também a retomada de temas como amor, solidão e questões sociais. Sentiu-se também a necessidade de se retomar a métrica.

Vinícius de Moraes, por exemplo, escreveu alguns sonetos, ou seja, rebuscou naquela forma clássica que fora descartada como marca de ruptura da primeira fase do modernismo, o que, nessa segunda fase, teve um pouco desse resgate literário. Entretanto, tudo isso sem abrir mão de algumas conquistas da nova forma proposta pela primeira fase, tais como o verso livre e a linguagem coloquial, que se mantiveram em muitos artistas da época.

A terceira fase do Modernismo durou de 1945 até 1960 – alguns autores preferem chamar essa fase de pós-modernismo. Grandes autores tiveram sua expressão reconhecida, como João Cabral de Melo Neto, Clarice Lispector, Ferreira Gullar, entre outros, incluindo, Paulo Mendes Campos. Essa fase, designada como terceiro momento do modernismo, tinha em seu repertório os autores denominados “Geração de 45”. Nessa terceira fase, tem-se um quase rompimento total com aquelas ideias revolucionárias de 1922. A literatura recebeu maior enriquecimento com a presença da prosa em variadas formas, como prosa regionalista, intimista, prosa urbana, contos e crônicas.

Na obra de Mendes Campos se vê muito dessas diversas formas de prosas, até mesmo dentro de seus poemas. Segundo César:

O poema em prosa chegou até nós um pouco antes desse século, com Charles Baudelaire (e ainda, canhestamente com Raul Pompéia), mas só atingiu as raízes do bom com os mais recentes, um Álvaro Moreyra, um Rubem Braga, um Paulo Mendes Campos. Talvez por isso não há grande distância (sobretudo formal) entre muitos poemas e as crônicas do autor de *O Domingo Azul do Mar*. (CÉSAR, 1990, p. 7)

Ao observar as palavras de César (1990), é importante ressaltar que o artista, através da sua obra, revela o seu tempo, seu modo de viver, seus ambientes, seus conflitos, projeções, desejos e tudo que há em si e ao seu redor, cada um de maneira muito particular. Segundo

Baudelaire (1996, p. 9): “O homem acaba por assemelhar àquilo que gostaria de ser”, sugerindo a ideia de que, a arte completa o homem; e que o homem vai sendo moldado com a arte; e que o homem transfere para arte tudo o que ele acha necessário para complementá-la.

Por esta perspectiva, Mendes Campos, privilegiando a crônica como gênero por ele mais trabalhado, expressa estas marcas de seu tempo, mas, com abordagens que vão para além dele, tocando em temáticas universais e atemporais. A propósito, a palavra crônica tem origem grega, “cronos” que significa tempo, e que traz em si a ideia de que o texto escrito naquele momento tem um valor mais elevado naquele mesmo momento no qual fora escrito.

Para Oliveira:

A crônica é um gênero híbrido entre a literatura e o jornalismo. Do jornalismo apanha o fato cotidiano que será sua matéria de exploração e da literatura aproveitará todos seus procedimentos para elaborar seu texto. Numa linguagem muito próxima da oral, o cronista apresenta um fato, normalmente acontecido no dia-a-dia como ponto de partida para sua reflexão. (OLIVEIRA, 1994, p. 126)

Talvez pela não intencionalidade em ser eterno que o gênero traga em si que não se considera a crônica como um “gênero maior”. Segundo Cândido:

Isso acontece porque não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originariamente para livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. (CÂNDIDO, 2003, p. 88)

Mesmo a crônica sendo considerada como um gênero desprezioso, na intencionalidade da duração, Mendes conseguiu agregar parte desses valores nos seus poemas, como no exemplo o trecho a seguir, extraído do poema Pequeno Soneto escrito em prosa de Paulo Mendes Campos:

Sempre me grilou o curto-circuito das contradições fundamentais: no oligofrênico musical (Meu amigo Otto desafina ao assoviar Dá nela) sofre um Beethoven mal sepultado: com um porém: mais surdo que as portas dos castelos feudais

No menino retardado e no ancestral King-Kong esvoaça transcendente rondinella- de asas ainda visgadas nos opacos vitrais do (ainda) incompreensível ou inexprimível. Mas na praça aristotélica de Goethe, ou na planície platônica de Proust, sobra espaço e capim para a besta quadrada.

O pior cego é aquele que quer verde (é possível): mas também pode ser que a visão do visível seja um pouco mais que nada.

Baça e simples é a libido. Édipos amam suas mães de um fervor santo,

pontual e burguês.

Um verme áptero (sem metafísica nenhuma) transfigura-se em lepidóptero feliz.

Negócio é o seguinte: Rimbaud é mais por aquilo que não fez. Freud talvez achasse o mesmo bosque (de Viena), se desse para caçar (em vez de cobras e lagartos) as borboletas sutis. [...] (CAMPOS, 1990, p. 79)

Uma expressão de modernidade e inovação pode ser vista no exemplo do poema acima citado, pois ele possui uma carga informativa. Nota-se também uma certa fluidez e até algumas frases de efeito com as quais Mendes Campos arremata os seus poemas, enriquecendo assim sua obra. Nela está bastante presente o seu lado cronista e até uma boa dosagem de humor, fazendo assim com que seus poemas em prosa, tenham muito lirismo e muito conteúdo, de forma condensada, tornando-se agradáveis e didáticos para serem lidos.

3. Relações Intertextuais entre Paulo Mendes Campos e suas influências

No campo da intertextualidade, existe uma máxima brasileira que diz “Nada se cria, tudo se copia” e foi dita por Abelardo Barbosa⁶, mais conhecido como Chacrinha. Essa frase faz uma ligação com a frase de Lavoisier⁷ onde ele diz que “Nada se perde, tudo se transforma”. Apesar do tom de brincadeira, Abelardo acabou por fazer uma relação intertextual. Existe uma dificuldade em se entender o intertexto, até mesmo porque ele tem algumas variações. Acima, foi mencionada uma paródia, que é uma dessas variações de intertexto e que tem um tom humorístico, devido a ironia gritante como figura de linguagem presente. Mas existem outras formas de intertexto como epigrafe, paráfrase, citação, pastiche, referência, versão/adaptação e alusão, alguns consideram até mesmo a tradução uma variação de intertexto.

Segundo Faraco e Moura (2002, p. 41) “a Intertextualidade é a relação onde um texto, para ser compreendido, seja dependente de um outro texto; o diálogo entre esses textos pressupõe uma conversa cultural ampla.”

Para Julia Kisteva (2005, p. 68): “Todo texto se constrói como um mosaico de citações; todo texto é absorção e transformação de um outro texto.” Assim, ela deixa claro a ideia que o texto não possui uma autonomia por completo, ou seja, ele não surgiu do nada e, apesar de ser moderno e inovador, ele sempre mantém uma relação com outros textos e autores.

Pode-se ver no poema *Loa Literária do Desengano* que Paulo Mendes Campos explora os textos produzidos anteriormente como referência e intertextualiza de maneira satisfatória,

⁶ José Abelardo Barbosa (1917-1988) apresentador de rádio e programa de auditório na tv.

⁷ Antoine Laurent de Lavoisier (1743-1794) químico francês, tem-se como “pai da química moderna”

vários autores aos quais ele admira. Veja o trecho do poema *Loa Literária do Desengano* de Campos:

Louvido Seja São Miguel de Cervantes, que vem sempre lá longe a cavalo, na companhia de um magro e um gordo, e os céus os faça chegar mais uma vez, quando eu me for. E louvado seja São Gordo e São Magro, que abusaram à vontade da minha inocência, desencantando os anões alegres do meu riso. Louvado seja Santo Daniel Defoe, que padeceu no pelourinho, e que me atirou sozinho a uma ilha encantada pelas realidades primárias [...] (CAMPOS, 1990, p. 86)

Nesse fragmento do poema pode-se notar claramente a presença de diversas formas de intertextualidade. Inicialmente em forma de paródia, que é a recriação de um texto, com formato ou semelhança de outro já pré-existente. Nota-se que a forma do poema de Mendes Campos se assemelha ao *Cântico dos Cânticos* de São Francisco de Assis, como pode-se ver nesse trecho:

Louvado sejas, meu Senhor,
Com todas as tuas criaturas,
Especialmente o Senhor Irmão Sol,
Que clareia o dia
E com sua luz nos alumia.

E ele é belo e radiante
Com grande esplendor:
De ti, Altíssimo é a imagem.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pela irmã Lua e as Estrelas,
Que no céu formaste claras
E preciosas e belas.
(CAMPOS, 1978)

Essa semelhança é intencional, pois a intertextualidade requer um leitor atualizado e competente, capaz de perceber o presente o passado e até o futuro (e estar atento às manifestações culturais) (SANTOS, 2007). Isso se dá porque implica no reconhecimento de obras ou de trechos diversos.

Nota-se ainda, no trecho poema citado de Mendes Campos, que, além de dialogar com o *Cântico das Criaturas*, dialoga também com o grande autor espanhol Miguel de Cervantes, através da referência ou alusão que é uma menção. É possível notar ainda que, nesse caso, Paulo Mendes menciona não só o autor da obra, como também referencia sua obra, pois traz à tona o maior e mais conhecido trabalho de Cervantes, que é *Don Quixote de la Mancha*, e ainda menciona de forma (in)direta os dois protagonistas *Don Quixote*, que dá nome a obra, e do seu

fiel escudeiro, Sancho Pança.

No segundo momento do trecho citado, ele já dialoga referenciando outro autor, dessa vez, Daniel Dafoe, escritor e jornalista Inglês, e sua maravilhosa obra intitulada Robson Crusoe:

Tempo-eternidade

La sensualité, chère amie, consiste simplement à consederer comme une fim et non comme um moyen l'objet présent et la vie presente.⁸ (André Gide)

O instante é tudo para mim que ausente
Do segredo que os dias encandeia
Me abismo na canção que pastoreia
As íntimas nuvens do presente

Pobre do tempo, fico transparente
A luz dessa canção que me rodeia
Como se a carne se fizesse alheia
À nossa opacidade descontente.
Nos meus olhos o tempo é uma cegueira
E minha eternidade uma bandeira
Aberta em céus de solidões.

Sem margens, sem destino, sem história,
O tempo que se esvai é minha glória
E o susto de minh'alma sem razões.
(CAMPOS, 1978)

No poema Tempo-eternidade, o autor opta intertextualizar, através da epigrafe, que são versos ou notas introdutórias apresentadas acima e anterior ao texto. Isso deixa claro que, em um segundo momento do texto, o autor retomará aquela ideia. Nessa epigrafe em questão, Mendes Campos dialoga com a obra “Se o grão não morre” de André Gide (1869-1951) que foi um escritor francês. A produção de texto que mantém o diálogo com outros textos já existentes é característica nos poemas de Mendes Campos aqui apresentados e, essa segunda geração de textos por ele produzidos têm outras significações, o que faz enriquecer o valioso arcabouço textual brasileiro. Além da intertextualidade ser um recurso valioso para o estudo de textos, ela requer dos leitores um conhecimento prévio de mundo.

4. Inovação literária: o tradicional, o moderno e o contemporâneo em Paulo Mendes Campos

4.1. A universalidade da sua obra.

⁸ Sensualidade, querido amigo, consiste apenas em se lembrar como um fim e não como meio do objeto presente e da vida presente.

Ao longo da vida e da obra de Paulo Mendes Campos nota-se que, apesar do próprio autor desejar ser conhecido e reconhecido como poeta, no decorrer desse trabalho, tornou-se impossível deixar de mencionar que foi na crônica que ele ganhou maior destaque, afinal ele fora cronista praticamente sua vida (literária) inteira.

Segundo Figueiredo (2011) “a maneira que ele escrevia era a maneira de ser dele.” E é, sem dúvida, devido ao grande conhecimento de obras já tidas como universais, já consagradas/canônicas, já lidas e traduzidas por Campos que fazem de sua literatura uma escrita única e especial. Vale ressaltar que de algumas dessas obras e traduções são de línguas origens e línguas diferentes, de autores clássicos/renomados apoiados às mais variadas correntes filosóficas.

E foram essas filosofias que Paulo soube organizar e transmitir através das suas crônicas e em seus poemas. A grande inovação que Paulo conseguiu foi fundir a prosa com o poema, apesar das grandes e nada sutis diferenças entre ambas, a começar pelo fato da prosa conter uma fluidez e ser subdivida por linhas e parágrafos, enquanto o poema, por outro lado, tem uma certa cadência rítmica e é separado por versos e estrofes.

Todavia, o ponto em comum, que contribuiu para essa fusão é que ela ocorreu por meio da crônica (filha da prosa e possui as mesmas características). Neste ponto ele passou a utilizar-se da crônica e do poema como um só gênero. É perceptível que em seus textos há dois gêneros presentes, em uma espécie de condensação. Ou seja, em ambos os gêneros é possível/necessária a transmissão de grande quantidade de conteúdo/informação, em uma quantidade limitada de palavras.

Paulo conseguiu fazer essa junção e logrou êxito ainda em manter nas crônicas o lirismo característico dos poemas, reformulando a forma de expressar seu conhecimento literário. Em sua obra, tudo que escreveu foi sempre resultado da associação intertextual que ele fez com outras leituras.

Tanto conhecimento e tanta cultura serviu de combustível para esse poeta que, já amadurecido, pôde atingir um expoente mais elevado. O cuidado que ele usou para buscar outras literaturas e para enriquecer seus textos, afim de que não ficasse preso apenas ao regional e, por fim, soube brincar com as formas textuais e se reconstruir como autor de vários gêneros.

Considerações finais

O propósito deste trabalho foi apresentar a modernidade nos poemas de Paulo Mendes Campos e demonstrar como o poeta constrói um diálogo fluído com outras obras. Objetivou-se

ainda, mostrar como ele une os diferentes estilos, prosa e poema, dando, a essa nova forma de poema, um caráter moderno, com um tom próprio e bem original.

Entendedor da literatura, e de outros campos diversos do conhecimento como filosofia, música e física, não se pode deixar de mencionar que Paulo Mendes foi cronista. Isto porque a crônica foi sua atividade principal ao longo de sua trajetória histórica. Era seu “ganha-pão”. E foi essa relação com este gênero que permitiu a ele o conhecimento necessário para realizar a junção literária da prosa com o poema.

No tocante ao Paulo Mendes tradutor, vela ressaltar que a tradução deu a ele a possibilidade de estudar e entender outros autores e filosofias com as mais variadas correntes de pensamentos. Isso deu a ele, ainda, as matérias primas por ser utilizadas, a linguagem e o conhecimento. Através dessa vasta fonte de saberes, coube a ele inserir tal aprendizagem em sua própria poesia, o que possibilitou inúmeros intertextos e referências com essas obras, autores, pensadores, poetas e até personagens.

Por fim, Paulo trouxe a poesia, através de um viés inovador e dinâmico, para perto do leitor, desde o mais simples ao mais competente. Sua poesia é algo que flui pela beleza artístico-literária, mas também agrega conhecimento ao leitor, tendo em vista o avolumado de leituras e estudos expressos como parte de sua personalidade e identidade. Sua produção não se resume apenas ao artístico, apesar de indubitavelmente sê-lo, mas também informa e enriquece àqueles que se enveredam por apreciá-las.

Referências bibliográficas

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996.

CAMPOS, Paulo Mendes. **De-lá-para-cá**. Youtube, 05 set. 2011. Disponível em shorturl.at/bilnq. Acesso em: 12 outubro 2017.

CAMPOS, Paulo Mendes. **Os melhores poemas de Paulo Mendes Campos/Seleção de Guilhermino Cesar**. São Paulo: Global, 1990.

CAMPOS, Paulo Mendes. **Poemas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

CAMPOS, Paulo Mendes. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Fontana Expressão e Cultura, 1978.

CANDIDO, Antônio. “**A vida ao rés-do-chão**”. In: Para gostar de ler: crônicas. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003. p. 89-90.

FARACO, Carlos Emilio; MOURA, Francisco Marto. **Português**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

FRANCISCANOS. **O cântico das criaturas**. Disponível em: <https://bit.ly/2tyGIKU>. Acesso em: 12 outubro de 2017.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

OLIVEIRA, Ana Tereza Pinto. **Manual compacto de redação e estilo**. São Paulo: Rideel, 1994.

SANTIAGO, Silvano. **A comida da arte e da ciência**. O Estado de S. Paulo, 23 jul. 2011.

SANTOS, Gerson Tenório dos. O leitor-modelo de Umberto Eco e o debate sobre os limites da interpretação. **Kalope**, São Paulo, ano 3, n. 2, p. jul./dez., 2007. Disponível em: <https://bit.ly/2v5BA1y>. Acesso em: 10 jan. 2019.